

Revista

Domingo, 19 de
fevereiro de 2017

Agora

da lora

Erica Salguero, 38 anos,
trabalha com a sogra,
Olivia Franco, 65 anos

Parte integrante do Jornal Agora São Paulo - Não pode ser vendida separadamente - Ano 18 - nº 933 - Romy Santos/Folhapress

Querida sogra

*Apesar da fama de megeras,
há muitas sogras que conquistam
as noras e os genros com carinho e
companheirismo; veja como manter
uma relação familiar saudável*

Como uma segunda mãe

As sogras têm fama de serem ciumentas e contrárias aos relacionamentos dos filhos, mas nem sempre é assim; conheça histórias de mulheres que são queridas por noras e por genros e que conquistaram o carinho dos novos integrantes da família

Superprotetora, a personagem Néia (Ana Beatriz Nogueira) nunca escondeu que não aprovava o relacionamento do filho, Léo Régis (Rafael Vitti), com Diana (Aline Moraes), em "Rock Story" (Globo). Tanto que tentou separar o casal diversas vezes. Por ser ficção, a novela exagera e mostra uma mãe que faz jus à fama de ruim que as sogras costumam ter. "Ela sente ciú-

me do filho, mas acho que o problema maior é ela ter percebido que a Diana não ama o Léo, por isso a implicância. Se ela acreditasse que ele estava sendo amado, talvez aceitasse melhor a relação deles", argumenta Ana Beatriz.

O desfecho da história, com o cantor sendo abandonado pela moça no altar (em cena que estava programada para ir ao ar na última sexta-feira), enche a mãe dele de razão. "Por

Na novela "Rock Story" (Globo), Néia (Ana Beatriz Nogueira) sente ciúme da namorada do filho, Léo Régis (Rafael Vitti)





PERDIDAMENTE APAIXONADO Na trama das sete, Léo (Rafael Vitti) estava tão encantado por Diana (Alinne Moraes) que não deu ouvidos à mãe quando ela se mostrou contrária ao namoro. “A Néia sempre alertou o filho. E a Diana sempre soube muito bem o que queria”, diz a atriz Ana Beatriz Nogueira.

mais que a Néia tenha tentado atrapalhar, desta vez ela não tem culpa no cartório. Nenhuma das atitudes dela influenciou na decisão da Diana de não se casar com Léo, porque ela ainda é apaixonada pelo ex-marido”, diz a atriz.

As mães só querem o bem dos filhos, mas podem extrapolar um pouco no excesso de cuidados, proteção e ciúme —o que fica mais evidente quando surge um casamento nos planos. “Alguns papéis passam a ser definidos a partir daí, como o de sogra e o de nora ou genro. Existe um estereótipo da sogra como sendo alguém que se intromete, que mete o nariz onde não é chamada e que compete com a nora. Isso e o preconceito que existe podem dificultar o estabelecimento do vínculo familiar”, observa a psicóloga Rosalina Moura.

É aí que mora o perigo, pois os conflitos podem causar um afastamento

entre pais e filhos, além de brigas do casal. “Muitas vezes, é difícil para a mãe ver o seu filho sair de casa e passar a partilhar um outro lar, dedicando-se a alguém. O ciúme também pode se manifestar em forma de preocupação com o quanto o filho está sendo bem tratado pela parceira. Existem conflitos que chegam inclusive a interferir negativamente na vida deles”, complementa.

Mas nem sempre é assim. Quando há uma abertura maior de ambas as partes, com discernimento, compreensão e muito amor envolvido, sogras e noras ou genros podem estabelecer uma excelente relação, tão sincera e legítima como a de pais e filhos. É o caso da aposentada Inês Ribeiro de Paula Bessa, 60 anos, que enche o genro, o advogado Felipe Takashi Yoshinaga, 38 anos, de pappicos. “Para mim ele é como um filho. Eu me preocupo com ele da mesma



O advogado Felipe Yoshinaga não desgruda da sogra, a aposentada Inês Ribeiro Bessa

forma que me preocupo com a minha filha. Prezo pela saúde e pela alimentação dele”, afirma a mãe da professora Juliana Ribeiro de Paula Setubal Bessa Yoshinaga, 38 anos.

Todos os dias, Inês vai à casa da filha e do genro para cuidar da netinha, Anne Lie, seis anos. “Minha filha sai cedo para dar aula, então, desde que minha neta nasceu, eu fico com ela na parte da manhã, dou uma assistência. Quando Felipe acorda, tem um suquinho para ele. Já se tornou um hábito”, conta ela.

Yoshinaga diz que o carinho é recíproco. “Para mim ela é como uma mãe.”

Não são raros os passeios conjuntos. “Eles nos chamam para a maioria dos programas: teatro, show, viagem, festa. Hoje mesmo ele convidou a mim e ao meu marido para ir a um bar. Somos uma família de verdade”, enfatiza Inês.

Segundo os especialistas, a relação entre sogra e genros é mais fácil do que o relacionamento com as noras. “Mãe e

filho têm uma conexão forte e, de repente, ela sente que está perdendo essa ligação para uma outra mulher. Nesse momento, entra um tipo de competição e implicância com qualquer atitude dessa pessoa”, explica Marilena Bigoto, psicóloga especialista em desenvolvimento humano.

Ao mesmo tempo em que a mãe sente esse rompimento, a nora sente o peso de ter de ser boa o bastante para satisfazer as necessidades e expectativas da família. “Para a sogra, a nora é uma pessoa que levou o filho dela embora; enquanto que, para a nora, a relação faz com que ela se sinta insegura e inadequada, e nunca à altura do esperado pela mãe do marido”, aponta a especialista, que é também diretora do Esedes (Espaço Elaborado para o Desenvolvimento e Essência do Ser).

É preciso lembrar, porém, que qualquer relacionamento corre o risco de dar certo ou não. Não é porque marido e

mulher têm os mesmos pensamentos e gostos, por exemplo, que a família dele será exatamente nos mesmos moldes. "Qualquer tipo de convivência é muito difícil. As pessoas são diferentes, têm criações e desejos distintos. E isso, muitas vezes, pode gerar conflitos", destaca a "coach" de relacionamentos Michele Pin, conselheira do site Help in Love.

Mas há casos em que a sintonia entre

sogra e nora é imediata. Foi o que aconteceu com a arquiteta Érica Salguero, 38 anos, e sua sogra, a socióloga com especialização em administração Olívia Franco, 65 anos, que passaram a trabalhar juntas e mantêm a parceria há seis anos. "Nós nos demos bem desde o começo. Ela me acolheu de braços abertos, fez eu me sentir em casa e parte da família. Ganhei uma amiga, uma segunda mãe, alguém em quem eu posso confiar. E ela se tornou meu braço direito na empresa", diz Érica, casada há oito anos com o engenheiro Marco Antônio de Souza Franco, 38 anos.

A primeira impressão foi marcante. "Desde que a conheci, senti que poderíamos ter um ótimo relacionamento. Ela, sempre alegre, me deixou muito à vontade. Acho que não teve preconceito de que eu seria

uma pessoa desagradável ou megera. Houve empatia entre nós desde o início", lembra Olívia.

Ela acredita que o problema começa quando a sogra vê no casamento do filho um risco de

A socióloga Olívia Franco (à dir.) é o braço direito da nora, a arquiteta Érica Salguero, no trabalho



Romy Santos/Folhapress



alvitex.com.br

Lançamento de tecnologia em

APARELHOS AUDITIVOS

AGENDE CONSULTA GRATUITA

PAGAMENTO 10X SEM JUROS*

Aparelhos com wireless e conectividade sem fio

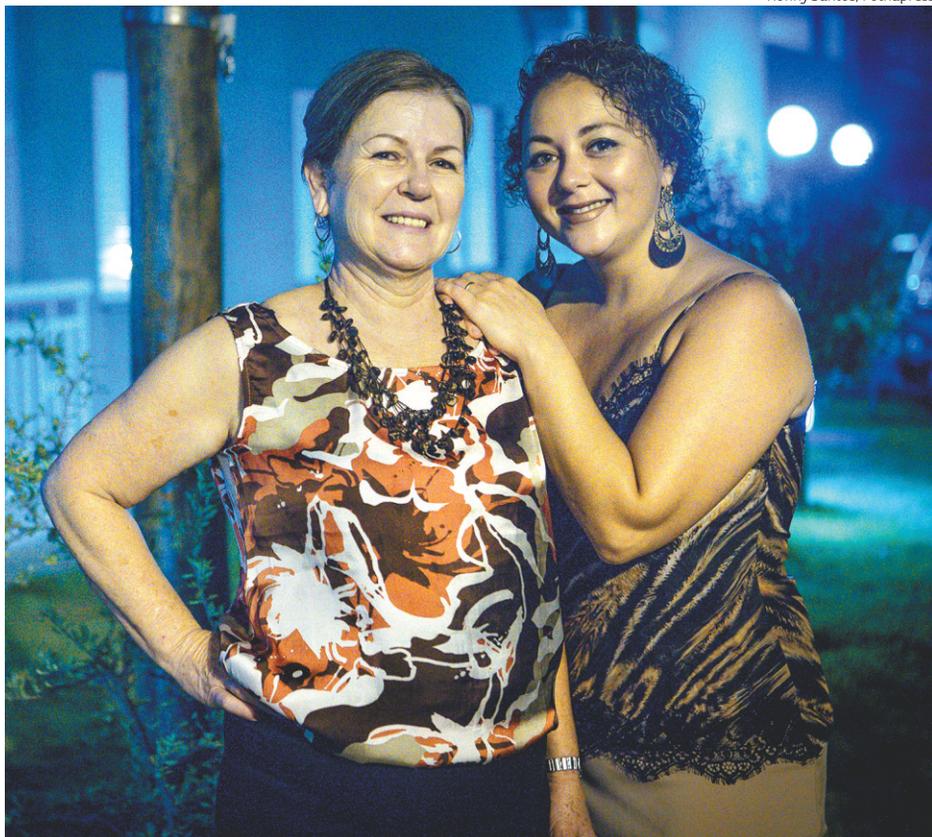
GANHE NA COMPRA DE DOIS APARELHOS 2 EM 1: CARREGADOR + DESUMIDIFICADOR



CENTRO AUDITIVO ALVITEX

0800 771-8434

ANÚNCIO COMPLETO NA 4ª CAPA



■ **A analista de recursos humanos Cristiane Dantas (à dir.) foi mais observadora ao ser apresentada à sogra, a aposentada Cecilia Zanzeri, e hoje as duas são amigas**

perdê-lo. “Eu nunca pensei assim. Sempre quis que meu filho escolhesse uma boa pessoa para construir uma família e ser feliz”, diz a socióloga, que cuida da parte administrativa do escritório.

Érica e Franco têm um filho, Lorenzo, três anos, e ela conta que pretende seguir os mesmos passos da sogra. “Ele ainda é tão pequeno que não consigo imaginá-lo se casando. Mas não vou mentir, terei um pouco de ciúme, sim. Só que daquele saudável. Espero ser uma boa sogra e torço para que ele encontre uma boa mulher”, afirma.

E mesmo quem não conviveu com a sogra para ter referência consegue representar a categoria de forma positiva, como a aposentada Cecilia Zanzeri, 60 anos. “A minha sogra morreu no início do meu casamento, quando eu ainda

estava grávida. Ela fez falta, eu gostaria que ela estivesse ao nosso lado, teria nos ajudado com sua maturidade”, conta Cecilia, que ficou viúva em 1994, com dois filhos: Fabio Zanzeri, hoje com 43 anos, e Natália Zanzeri, 34 anos.

Cecilia faz o melhor que pode para ser uma boa sogra para a mulher do filho, casado há seis anos com a analista de recursos humanos Cristiane Dantas 39 anos. “Ela é como uma filha, me dou muito bem com ela. Senti que, quando nos conhecemos, ela estava mais arredua, calada, não conversava muito. Eu que tive de conquistá-la”, lembra.

A nora admite que estava pisando em ovos, por causa de experiências anteriores não tão positivas. “Fiquei receosa, preferi observar primeiro e depois me soltar e criar um laço maior”, diz

Cristiane. Agora, ela e a sogra são bastante próximas, fazem compras juntas e uma conhece o gosto da outra.

Para a "coach" Michele, ambas as partes têm de estar receptivas para que a relação dê certo. "As pessoas se aproximam por afinidades. Só é preciso um pouco de abertura", analisa.

Segredo da boa convivência

O segundo passo, depois da primeira impressão, é a convivência, que deve ser baseada em respeito e compreensão. É importante também que os sogros tenham sabedoria para discernir até que ponto é saudável participar da vida do casal. "Intromissão é uma palavra que significa invasão e, como tal, é agressiva, mesmo que seja sutil. Participar, opinar e se interessar não é a mesma coisa que controlar, impor a

sua vontade e manipular", aponta a psicóloga Rosalina, que é diretora da Rumo, especialista no desenvolvimento de programas de bem-estar e gerenciamento do estresse. "O filho cresceu, e talvez essa seja a aceitação mais difícil e fundamental para que a família viva em harmonia e para que noras, genros e netos possam somar e não dividir."

Cecília diz que, apesar da proximidade com a nora, toma cuidado com os limites. "Sempre pergunto para ela se posso ir visitá-los, converso muito, dou atenção e carinho na medida."

A empresária do ramo de cosméticos Vera Probst, 64 anos, concorda que é preciso compreender que, após o casamento do filho, a família tem uma nova ramificação, que não faz mais parte do núcleo original. "Quando os filhos constituem nova família, têm de resol-

APOSENTADOS E TRABALHADORES

RECEBA VALORES RETIDOS DOS PLANOS **COLLOR / VERÃO/ BRESSER**

QUEM TEVE REGISTRO ENTRE 1986 A 1992 TEM DIREITO

CONSULTA GRÁTIS, SÓ PAGUE APÓS RECEBER

LIBERAÇÃO 05 DIAS

*FAZEMOS TAMBEM APOSENTADORIA, REVISÕES EM GERAL, CAUSAS CIVIL E TRABALHISTA,

PROCESSO DE REVISÃO DO FGTS DE 1999 A 2014.

AO LIGAR TENHA EM MÃOS PIS OU COMPAREÇA COM TODAS CARTEIRAS PROFISSIONAL.

ATENDIMENTO DAS 09:00 AS 16:00 HRS

(011) 3101-0336 / 3104-1671
(011) 96716-3108 (OI) / 98536-5706 (TIM)

DRA TATIANA RAFIK

RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 209 - 11 ANDAR CONJ. 1104
METRO SÉ- PROX. FAC. LARGO SÃO FRANCISCO - SÃO PAULO - CENTRO

ver a vida deles com seus pares. Respeitar isso não significa ser omissa, temos de ajudar quando há algum problema”, diz ela, mãe de duas mulhe-

res e um homem, todos eles casados. “A gente acaba aprendendo que família tem um ponto positivo, que é o auxílio na hora da necessidade, e o negativo, que é dar muita opinião. É aí que o problema começa”, avalia Vera.

Um de seus genros, o engenheiro Orlando José Giorgi, 45 anos, casado há 25 anos com a empresária Renata Probts do Amaral Giorgi, 42 anos, a cobre de elogios e reforça as boas atitudes da sogra. “Ela não influencia na nossa relação e na educação dos nossos filhos, mas dá opiniões quando solicitamos e está sempre pronta a ajudar.”

A psicóloga Rosalina revela que, muitas vezes, o ciúme pode partir da nora também. “E por múltiplos fatores, que podem ser despertados pela atitude do homem. Mãe e mulher ocupam lugares diferentes e desempenham papéis distintos na vida dele. É importante que ele entenda isso”, indica. Comparações entre as duas podem ser um estopim de discórdia,

Mãe e mulher ocupam lugares diferentes e desempenham papéis distintos na vida de um homem

Rosalina Moura, psicóloga

por exemplo.

Vera conta que já passou por situações semelhantes. “Se a mulher faz um prato para o marido, e ele fala que não está igual ao da mãe dele, ela não vai gostar. Já aconteceu comigo, quando meu marido comentou que o molho de uma massa não estava temperado como o que a mãe dele fazia. E eu brinquei dizendo que nunca mais faria aquele prato”, diverte-se a empresária, que, no entanto, se dá bem com a própria sogra. “Ela cozinha superbem. E é um amor, faz comidinhas para mim também.”

Apostar na empatia funciona nessa hora, segundo especialistas. “Pais devem se lembrar de que também podem ter sofrido com seus sogros quando se casaram e que isso pode ter gerado pro-

A empresária Vera Probts paparica um dos genros, o engenheiro Orlando José Giorgi



blemas", diz a psicóloga Marilena.

Orlando diz que pensa nisso: "Eu também já sou sogro e procuro seguir a experiência da minha sogra conosco, sendo amigo e não me intrometendo nas decisões do casal", lista ele.

De acordo com os especialistas, porém, o sogro, geralmente, é mais amigável e costuma sentir ciúme quando se trata do casamento das filhas mulhe-

res. "Muitos pais também têm problemas em abrir mão dos filhos. Ciúme não tem gênero, ele pode ser igual tanto para um genro, quanto para uma nora", diz a conselheira amorosa Michele.

Amor que não se mede

Todos os dias, quando chega em casa, o empresário Enzo Senatore, 69 anos, é recebido com um largo sorriso pela so-

Fabio H. Mendes/Folhapress



■ A empresária Ana Regina Bicudo (ao fundo) se orgulha do carinho com que o marido, o empresário Enzo Senatore, cuida da mãe dela, Alfea Manetti Bicudo, a Tita

Dicas para um bom relacionamento



Para as noras e genros

- Entenda a importância dos pais para o parceiro
- Evite alimentar rivalidade e entrar em disputas
- Inclua a sogra em conversas e situações
- Mantenha as questões do casal entre os dois
- Busque aproximação com os sogros



Para as sogras

- Entenda que o filho é adulto e deve fazer as próprias escolhas
- Lembre que mãe e pai são insubstituíveis. O (a) companheiro (a) tem papel diferente
- Aceite que outra mulher possa cuidar do seu filho tão bem quanto você
- Lembre-se de sua sogra e não repita os mesmos erros
- Respeite a privacidade do casal
- Busque harmonia. Aproxime-se do casal e, assim, sempre terá a família por perto

Fonte: Marilena Bigoto, psicóloga especialista em desenvolvimento humano; Michele Pin, conselheira amorosa e "coach" de relacionamentos; e Rosalina Moura, psicóloga, diretora da Rumo e especialista no desenvolvimento de programas de bem-estar e gerenciamento do estresse

gra, Alfea Manetti Bicudo, a Tita, 99 anos. "Ela já não enxerga bem, mas ouve a minha voz e faz questão de receber meu beijo e meu carinho. Eu me sento perto dela e conversamos", conta ele.

Casado desde 1992 com a empresária Ana Regina Bicudo, 58 anos, ele levou a mãe dela para viver com o casal há 15 anos. "Moramos com ela antes de nos casarmos e agora novamente. Ela me acolheu e me ajudou na adaptação ao Brasil", lembra o italiano. "E, hoje, a história mudou. Sou eu que a ajudo a comer, a trocar a fralda. É uma relação de mãe e filho, mesmo", define.

A mulher dele se derrete ao ver o carinho entre os dois. "Ele cuida dela com uma atenção, uma amorosidade e uma dedicação que muitos filhos não têm com os pais. Todos que os conhecem ficam admirados", garante Ana Regina,

cheia de orgulho.

Até mesmo na lua de mel Tita acompanhou os pombinhos. "Nos casamos na Itália e aproveitamos para viajar por lá. Como ela tem ascendência, fomos a lugares da origem dela, para reencontrar parentes", relembra o empresário.

Nos casos em que a empatia não é recíproca, é fundamental buscar a harmonia e a felicidade. "As pessoas não são obrigadas a se gostar, mas respeito mútuo é importante. Cada um ocupa lugar e papel diferentes na vida do outro", fala Rosalina.

Da mesma forma com que os sogros precisam entender que o filho é adulto e deve fazer as suas escolhas, o marido ou a mulher deve ter a consciência de que o convívio com a família é importante e, por isso, é essencial prezar pela boa convivência. *(Laís Oliveira)*

Carinho entre sogra e nora permanece mesmo depois do fim do casamento

“Eu tenho quatro filhos, três noras e dois genros. Parece que a conta está errada, mas está corretíssima”, brinca a poeta Lourdes De Vita, 82 anos, ao contabilizar a ex-nora, a escritora Nina Kuznetzow, 57 anos, como parte da família. Faz 20 anos que Nina e o ex-marido não estão mais juntos, mas elas mantêm a boa amizade. “Minha sogra é maravilhosa. Meu ex-marido foi embora, mas nós ficamos uma na vida da outra”, comemora a escritora.

Elas são vizinhas e se veem sempre. “Todos os dias tomamos café juntas. Somos muito amigas e pretendemos continuar assim”, diz Nina.

O bom relacionamento com a sogra, inclusive, foi primordial para que ela conseguisse superar o fim do casamento de 18 anos. “Ela não queria que eu ficasse triste e doente. Me ajudou muito.

Todos os dias ela ia à minha casa para ter certeza de que eu estava me cuidando. Fazia com que eu comesse e deu muita força para as crianças também. Como eu poderia não gostar dela? A minha família estava longe, e ela foi o meu porto seguro”, lembra Nina, que é americana e tem duas filhas com o ex-marido, as estudantes Tatiana De Vita, 27 anos, e Raissa De Vita, 24 anos.

Para Lourdes, o carinho com Nina foi resultado do respeito e do amor cativados. “A sogra tem de ser imparcial, reconhecer as fortalezas e as fraquezas do filho e da nora. Não é fácil nem simples, requer maturidade para garantir a convivência pacífica”, reflete.

A construção de uma família fortificada move a poeta. “A sogra bem-resolvida quer a felicidade do filho”, diz.

Nina reforça: “Sogras e noras já travaram incansáveis batalhas, mas, hoje, são unidas para um bem: a felicidade e a união da família”.

A escritora Nina Kuznetzow, 57 anos, ainda é amiga da ex-sogra, a poeta Lourdes De Vita, 82 anos

